

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

08. CONSELHOS DE PRUDÊNCIA SOBRE GESTÃO FINANCEIRA, A D. Bessieux

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 08. CONSELHOS DE PRUDÊNCIA SOBRE GESTÃO FINANCEIRA, A D. Bessieux.
Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/96>

This V is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

8. CONSELHOS DE PRUDÊNCIA SOBRE GESTÃO FINANCEIRA

A D. Bessieux ²⁷⁵

Esta carta mostra-nos a prudência que o P. Libermann aconselha aos dois bispos das Duas-Guinés, no que diz respeito ao bom uso dos dinheiros. Apesar de terem gasto mais do que aquilo que tinham recebido, nem por isso ele deixa de lhes falar com fraterna caridade e de desculpar a sua inexperiência. Insiste sobre uma verdade fundamental: são bispos, mas a missão não é só deles, é também da Congregação; não podem administrá-la a seu bel-prazer, sem terem isso em conta.

30 de Agosto de 1850

Sr. Bispo,

Há muito que não tem notícias nossas; por isso já é tempo que lhe escreva algumas linhas.

Antes de mais tenho que falar-lhe dos assuntos materiais de sua querida Missão.

Já no ano passado, D. Kobès queria a toda a força que eu pedisse à Propagação da Fé um subsídio para a igreja de Santa Maria da Gâmbia. A quantia a solicitar era muito grande e não me atrevi a fazer o pedido, por estar convencido de não ser atendido e por receio de consequências negativas. Contentei-me, por isso, com pedir 10.000 francos em vez de 50.000. O que sei é que os Conselhos da Propagação da Fé não gostam que os missionários gastem muito em construções. Por isso tinha a certeza de que para uma igreja, por mais importante que os missionários a julgassem, não concederiam 50.000 francos. No entanto, vendo as cartas de D. Kobès a insistir comigo para eu fazer o pedido e sabendo como ele estava triste por eu ainda o não ter feito, arrisquei-me a apresentá-lo tal qual, quer para a igreja, quer para o conjunto da Missão.

Esse pedido, tal como estava, com a nota que você mesmo incluiu nele,

²⁷⁵ ND XII, pg. 348-356.

Congregação do Espírito Santo

envolvia uma soma demasiado elevada e assustava-me um pouco. No entanto, com receio de vos deixar inquietos, a vós os dois e aos vossos missionários, e de prejudicar o bom entendimento, tão necessário entre nós, fui para a frente e tentei apresentar as propostas tal como as queria D. Kobès. Agora tenho medo que isso dê em mau resultado.

Soube, confidencialmente, que o Conselho central de Paris não ficou nada satisfeito com este pedido, que anda preocupado com os gastos excessivos feitos na Guiné, a ponto de temer pelo futuro da Missão por falta duma boa administração. Foi-me dito que ia receber uma carta do Conselho a manifestar-me esses receios, a transmitir-me a vontade do Conselho de que os missionários poupem mais, e a pedir-me até para não enviar tantos missionários para as costas de África, por acharem que estamos a enviar de mais.

Não quero causar-lhe tristeza nem inquietá-lo com tudo o que acabo de lhe dizer: esteja tranquilo que isso não vai ter grandes consequências, não passa duma pequena tempestade passageira. Poderá quanto muito levar a uma pequena diminuição dos fundos deste ano, e mesmo isso não é provável.

Mas eu creio que:

1º É preciso controlar as despesas, economizar, sem, no entanto, descuidar em nada a saúde dos missionários.

2º Enquanto se empenha com todo o zelo na salvação dessas pobres almas mais abandonadas, precisa também de encher-se de paciência e de calma na sua ação apostólica. É preciso que o agir seja vigoroso, mas que seja contrabalançado pelo dom de saber dirigir e administrar; Deus dá de bom grado este dom àqueles que escolheu para estarem à frente da sua obra; há de dar-lhe, a si e a D. Kobès, a sabedoria, a prudência e a moderação necessárias para essa tão grande obra que lhe confiou. Precisa de coragem, de paz, de humildade interior e de confiança só n'Ele, a par da desconfiança cristã em suas próprias luzes e forças.

3º Precisa de uma grande força, não tanto para lutar contra as contrariedades vindas de fora de si, que para isso de certo lhe não faltará, mas para lutar contra si mesmo e não se sentir perturbado nem demasiado afetado pelas dificuldades, contradições e fracassos. Tem de saber aguentar as dificuldades com a calma de um homem de Deus.

Antologia Espiritana

4º Precisa muito de manter a paz e a união entre vós os dois, e entre vós e nós. Façamos todos tudo o que depender de nós para que esta união se conserve e se estreite cada vez mais; não há outra maneira de se conseguir fazer o bem e de resistir às dificuldades sem conta que nunca nos faltam.

5º Para aquele seu assunto que devo tratar aqui, preciso duma certa liberdade de ação. Sabe que desejo o bem da Missão tanto como você; porque haveria eu então de me desinteressar dela? Portanto, se acho que devo agir doutro jeito, ou dar à minha ação uma orientação diferente da que você daria, é porque tenho as minhas razões. Pelo que me conhece, sabe que não estou agarrado às minhas ideias, e é no interesse da Missão que faço as coisas dum modo diferente do seu; conheço melhor do que você o que se passa aqui, e por conseguinte saberei melhor do que você que voltas dar. De certeza que se D. Kobès não tivesse insistido tanto para que eu pedisse à Propagação da Fé um subsídio tão grande, se eu não tivesse receado a desunião, não teria pedido uma soma tão elevada, teria baixado pelo menos 40.000 francos, e talvez tivesse obtido mais do que aquilo que obtivemos, e assim teria poupado aos dois bispos da Guiné a tristeza de passarem por pessoas levianas, que gostam de sonhar alto e que não sabem administrar; não teria levado as pessoas a sentirem-se preocupadas com o futuro da Missão, que é dada como perdida, porque esse foi mesmo o termo que foi usado.

No entanto, mais uma vez, fique em paz, garanto-lhe que essa tempestade vai dissipar-se; essas preocupações vão desaparecer, mas colabore comigo mediante uma administração sábia e prudente, sem contudo descuidar o zelo pela salvação das almas; a este é preciso não lhe travar nada o ímpeto; mas há que orientá-lo com prudência. Quando o vento sopra nas velas, o navio avança; mas se o deixarmos ir ao sabor do vento, desvia-se facilmente e arrisca-se a naufragar; é o vento que o faz avançar, mas à perícia do capitão compete controlar a ação do vento.

Peço-lhe para não falar ainda destas coisas a D. Kobès; eu mesmo lhe vou escrever depois da estação das chuvas e dar-lhe-ei então conhecimento de que lhe disse isto. Não me atrevo a falar-lhe agora com medo de o magoar e de que ele fique doente.

Tenho de lhe falar ainda doutro assunto importante. D. Kobès escreveu-me uma vez que vocês estão disposto a dar 1.000 francos para as despesas do novi-

Congregação do Espírito Santo

ciado por cada missionário que enviarmos. Eu teria preferido algo de menos esporádico; seria mais prudente e mais conveniente, por estar, assim, mais segundo as nossas Regras, que dizem que as comunidades devem prover às despesas da Casa Mãe, isto é, do noviciado, e porque saberíamos mais facilmente com que podíamos contar anualmente e também mais facilmente poderíamos distribuir os nossos recursos pelo nosso pessoal; finalmente, a razão que me parece mais importante é que ao dar um apoio anual, a Missão manifesta que é uma só coisa com a Congregação em geral, é um membro da família que vem em ajuda da mãe, para que esta, tendo com que sustentar-se, possa enviar-lhe novos filhos; enquanto que, pagando-nos 1.000 francos por cada missionário enviado, vocês estão a tratar-nos como estranhos. Há algo de muito errado nessa maneira de ver, porque são postos frente a frente dois interesses muito distintos: o interesse da Missão que negocia com uma Congregação para ter missionários, e o interesse da Congregação que negocia com a Missão. Este processo anormal e inconveniente é um processo baseado na justiça e no interesse e não na caridade e na união dentro duma família. Está baseado numa ideia de D. Kobès (que julgo falsa), ideia que foi a causa das complicações surgidas pouco depois da nossa chegada à costa africana. Não sei se também teve essa ideia.

Ela consiste em dizer que, pelo facto de alguém ser nomeado vigário apostólico, a Missão deixa de ser missão da Congregação e passa a ser sua. Penso que essa ideia é perigosa e inexata: perigosa, porque pode levar à desunião e, por arrastamento, à desmotivação da comunidade; depois, porque pode ainda produzir entre os missionários de África o esfriamento em relação à Casa Mãe e torná-los infiéis à Regra; tudo depende dos bispos que vos sucederem e de suas disposições.

Essa ideia parece-me inexata: creio que a Santa Sé confia a Missão à Congregação, e entre os missionários desta Congregação escolhe homens a quem reveste da dignidade episcopal e a quem encarrega da administração dessa Missão; só eles têm o poder, só eles têm a responsabilidade da sua administração; por isso é que o Superior Geral não tem outro direito a não ser o de dar conselhos e fazer observações; mas não tem poder no que toca à administração, espiritual e temporal. Supondo que o que penso esteja certo, a Missão é vossa, mas é também nossa, ou melhor nem é vossa nem nossa, pertence ao Soberano Pontífice, que nos encarrega de lá trabalhar e vos encarrega de a administrar. Daí resulta a exigência dum entendimento perfeito

Antologia Espiritana

entre nós, envolvidos num tarefa comum para a glória de Deus, cada qual no que lhe compete.

Volto ao que lhe dizia em relação à proposta de D. Kobès. Ao dar-me conta que havia alguma agitação, pensei que não era o momento propício para fazer a minha apreciação sobre essa maneira de apoiar o noviciado, nem sobre o que no fundo penso e que acabo de lhe transmitir sobre a vossa autoridade; por isso aceitei pura e simplesmente a proposta.

Como tínhamos enviado doze missionários, devíamos receber 12.000 francos. Com medo de sobrecarregar a Missão ficando-lhe com muito duma só vez, escrevi a D. Kobès que era melhor recebermos este ano só 8.000 francos e os outros quatro mil francos no próximo ano. Mandei dizer a D. Kobès que a Propagação da Fé tinha dado 54.000 francos, incluídos os 4.000 francos para Galam²⁷⁶ e que estavam ao seu dispor na nossa conta. Além disso, o P. Briot enviou-lhe um extrato de contas com a soma do que recebera, as despesas feitas e o que lhe restava.

Mas ficámos espantados ao chegarem-nos, umas atrás das outras, várias letras para pagar que não só nos levaram os 8.000 francos que devíamos reservar para o noviciado, como ainda deixaram a Missão a dever-nos de 3.000 a 4.000 francos. Daí resultou sermos obrigados a vender fundos. Mais dois anos como este, e teremos de despedir pelo menos metade dos nossos noviços.

Veja e aconselhe, mas vá de mansinho, com calma e moderação para que D. Kobès não se melindre muito. D. Kobès é uma pessoa de muitas qualidades: sabe ajuizar muito bem, mas creio que, por falta de experiência e maturidade, andou depressa de mais e não soube lidar bem com as pessoas e com as coisas; connosco foi obstinado na sua autoridade; por certo confiou também de mais nas próprias ideias; parece-me ter abraçado as coisas com muito ardor e pouca moderação, e ter sido muito inflexível nas suas atitudes. Nada está irremediavelmente perdido, mas ele terá de adotar um comportamento mais moderado, mais prudente e mais segundo Deus. Peço-lhe, Sr. Bispo, para agir com prudência e moderação. Deus está consigo, para tudo há de haver remédio.

Como manifestou o desejo de que iniciássemos a Missão de Galam e que o P. Arlabosse fosse encarregado dela, e como D. Kobès falou no mesmo sen-

²⁷⁶ Trata-se da região de Bakel, no alto rio Senegal: sobre a fundação desta missão cf. ND Complementos, pg. 315-316.

Congregação do Espírito Santo

tido, tratei de negociar esse assunto; está tudo em ordem. O Governo dá para este ano 15.000 francos, que com os 4.000 da Propagação da Fé, custearão os gastos da fundação e darão bem para manter as missões até 1851. O Governo dá-lhes anualmente 9.000 francos, e ainda mais 1.500 para reparações. O P. Arlabosse viaja com os PP. Blanchet e Simonet e mais três irmãos, entre os quais o Ir. Maria, carpinteiro, o Ir..... sapateiro e o Ir. Jules, homem de sete ofícios. Não é o antigo Ir. Jules, que deixou a Congregação por causa da sua doença, que se agravou e que o forçou a sair.

A Propagação da Fé não achou conveniente conceder o vicariato da Senegâmbia, e a prefeitura de São Luís não pôde ser reunida à Senegâmbia. Paciência, virá mais tarde.

Não lhe dou aqui os detalhes deste assunto, creio já lhos ter dado, e em todo o caso, D. Kobès lhos comunicará.

As suas cartas de Maio e Junho encheram-me de alegria, apesar de eu ver nelas as suas fadigas e dificuldades. Mas vejo nelas também que a sua alma tem paz e confiança: é sinal de que o Espírito de Deus está consigo.

Diz-me que vai deixar a agricultura: as suas razões parecem-me boas e fortes; mas é-me difícil poder dar-lhe a minha opinião. Siga sempre o que Deus lhe inspirar e terá a sua bênção. É possível que o que não se dá num lugar, se dê noutro: nesse caso, generalizar será talvez ir longe de mais; veja e julgue: Deus o conduz, Ele o abençoará.

Não se aflija por causa dos missionários da Senegâmbia: só dois ou três é que causaram problemas a D. Kobès. Temos de contar sempre com dificuldades da parte de certos feitios; é preciso corrigi-los, aguentá-los e o bem acaba por se fazer. De resto, estamos atentos para aceitar só quem tiver um feitio bom e flexível. Mas os feitios mudam um pouco na missão, de modo que nos é difícil prever tudo com muita antecedência.

Em relação aos jejuns e abstinências, achei que é um pouco severo, mas as suas razões fizeram-nos muita impressão. Mais uma vez, Deus está consigo, faça o que Ele lhe inspirar, avalie as suas experiências: se vir que é de ir para a frente com esses jejuns e abstinências, faz bem sem dúvida em estabelecê-los. Aprovo o seu regulamento para a comunidade. Pode sem problemas confessar os con-

Antologia Espiritana

frades durante a oração: as nossas Regras só desaprovam a confissão de pessoas de fora, por receio de depois se começar a faltar à oração. Para os confrades, é tão pouca coisa que não há nenhuma dificuldade de que se confessem durante a oração. O quarto de hora de recreio a mais no domingo é um costume do noviciado; por isso nada obsta a que se conceda na missão.

Tive pena de não lhe poder mandar o P. Gravière: a sua saúde melhora lentamente, terá para muito tempo até que o seu estômago esteja em bom estado. Enviá-lo a África com um estômago arruinado seria um pecado.

A Senegâmbia perde um bom missionário no P. Ronarch, atualmente no Gard. Já não há qualquer esperança de cura para ele, morrerá de tuberculose; é uma grande perda; no entanto, poderá viver ainda um ou dois anos, tem só um pulmão atacado, mas bem atacado mesmo.

A minha saúde por agora vai bem, excetuando alguns achaques bastante frequentes que exigem precauções. O P. Le Vasseur, de Bourbon, está comigo; vai ficar no Seminário de Paris, de que vai ser o diretor; isso vai dar-me a possibilidade de passar cinco a seis meses por ano no Gard.

Os bispos das colónias estão nomeados. Neste momento, tenho ainda muito que fazer para pôr em ordem os seus assuntos; depois disso estarei mais livre e poderei retomar a correspondência com os nossos caros confrades da Guiné. Tenham paciência por mais dois meses; imagino que dentro de dois meses os bispos viajem e então ficarei livre. Pôr as colónias no bom caminho é um assunto muito importante para a glória de Deus, e se não me metesse nisso a sério, nada se conseguiria; por isso vale a pena ocupar-me desse assunto e fazer um pequeno sacrifício de tempo, depois de tantos outros já feitos.

Estivemos todos reunidos no Gard no fim do ano: fizemos uma grande reunião de conselho para pôr em ordem um monte de coisas. Este conselho durou oito dias cheios, com cinco horas de reunião por dia. Depois disso, fizemos o nosso retiro em comum, durante o qual fiz uma conferência por dia. Concluimo-lo com a renovação solene da nossa consagração. Como o texto do ato de consagração das nossas Regras não se prestava para a renovação, fiz um que lhe envio para que se sirva também dele. Os que têm votos, renovaram-nos em particular diante do Santíssimo Sacramento. Só o P. Le Vasseur é que teve o privilégio de renovar os seus solenemente diante de todos.

Congregação do Espírito Santo

Queira dizer a todos os nossos caros confrades e padres que os abraço a todos na caridade de Jesus Cristo. Escreverei em breve ao caro P. Lossedat; estou com muita pressa porque tenho de partir hoje mesmo, pelo que não tenho tempo de lhe escrever. Tencionava fazê-lo nestes últimos dias, mas as enxaquecas que tomaram conta de mim há três dias seguidos, deixaram-me sem condições para o fazer. Felizmente hoje estou um pouco aliviado, se assim não fosse não sei como teria podido escrever-lhe a si.

Na caridade de Jesus e de Maria sou o seu todo dedicado servidor.

F. Libermann, superior